

O DISCURSO DIDÁTICO DE ARISTÓFANES EM *AS NUVENS*

AÉCIO FLÁVIO DE CARVALHO*
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: *Aristófanes tinha um sentido didático inteligentemente planejado ao reelaborar As nuvens, prova de que o impulsionalava uma missão, que se impôs, de educador do povo. E intuindo o dionisismo latente nas Nuvens como deusas primordiais da teogonia hesiódica, toma-as como símbolos dos valores culturais fundamentais da civilização grega.*

PALAVRAS-CHAVE: *Aristófanes; sentido didático; As nuvens; educador; valores culturais.*

As Nuvens foi uma peça apresentada nas Dionísias de 423. Foi então, diríamos hoje, um fracasso de público e de crítica. E o autor, Aristófanes, tenta a reapresentação, em segunda versão, que, como se sabe, é a que chegou até nós. Por que voltar ao público com um peça já repudiada? Somente razões muito fortes, especiais, fariam um homem inteligente voltar ao cenário de um fracasso, e com o mesmo espetáculo. Presumimos contribuir aqui, modestamente, para a compreensão da engenhosidade criativa de Aristófanes e do seu discurso didático, tentando responder: por que *As Nuvens* pela segunda vez?

A obra aristofânica situa-se no momento mais significativo da evolução da comédia grega. E, neste momento, um dos elementos representativos da genialidade de Aristófanes, e que confere à sua obra um valor transcendente à realidade da época, é a função educativa que a comédia, então, assume. Nenhuma novidade nesta opinião, é claro. Mas vale como reafirmação do entendimento de que a arte em geral é o magnífico espelho que reflete o homem e a sociedade que a produzem. Em relação à comédia de Aristófanes, particularmente, Jaeger escreve:

"no momento culminante da sua evolução, a comédia adquiriu, por inspiração da tragédia, clara consciência de sua elevada missão educacional" (Jaeger, 1986, p. 290).

Maria de Fátima Souza e Silva é ainda mais explícita:

"Aristófanes (. . .) faz a apologia do papel didático da comédia" (Souza e Silva, 1987, p. 60).

Mas a manifestação concludente é do próprio Aristófanes:

“O que é justo também é do conhecimento da comédia” (*Acarn.* 500).

Em *As Nuvens*, Aristófanes acentua esse propósito de ensinar o que é justo. É objetivo deste trabalho demonstrar que há um sentido didático inteligentemente planejado por Aristófanes ao elaborar a peça. Aliás, ao reelaborar. E nesta reelaboração vemos a mais evidente prova de que o comediógrafo tinha um ideal a impulsioná-lo, e consciência da grandeza desse ideal.

As Nuvens não podem ser lidas, meramente, como libelo contingencial à sofística, nem como passadismo de um espírito medíocre. Até porque pobreza de espírito e apelo à circunstancialidade não resistem às contradições do momento histórico, nem à voragem da crítica através da história. Aristófanes insiste na missão, que se outorga, de educador do povo; e, incompreendido, apresenta uma segunda vez sua peça, criada com “habilidade, introduzindo novos recursos” (v. 547), porque não se dobra às vicissitudes um homem de ideal.

Novos recursos, “totalmente diversos uns dos outros e todos engenhosos” (v. 548) são, por exemplo, a chamada às *Nuvens*, deusas das primícias da criação, e, por sua vez, resultado da criatividade artística do grande comediógrafo, buscando nos escaninhos da sua engenhosidade formas de captar a atenção do público para a sua mensagem.

Na sua busca do novo para a consagração do perene, Aristófanes intui o dionisismo que impregna as *Nuvens*; e, no êxtase dionisíaco, a farmacopéia purificadora do homem em “hamartia”. Aí, por consequência, a receita para a eternidade da mensagem e da obra que, como se sabe, vem passando incólume à voracidade da crítica mais exigente.

Acompanhemos, pois, na obra, as marcas ideológicas pertinentes à mensagem de Aristófanes, e referentes à “velha” e à “nova” filosofia de vida, na Grécia.

Logo no prólogo da peça o espectador é posto na situação sempre incômoda de uma escolha. Quem tem razão: Estrepsíades ou sua mulher? A vida de outrora era melhor que a de hoje? No monólogo de Estrepsíades, é clara a ênfase intencional ao contraste:

“Eu levava uma vida rústica, agradabilíssima, embolorado, sujo e à vontade [...] depois casei-me com uma sobrinha de Mégacles; [...] eu, um camponês [...], ela, da cidade [...]; eu cheirava o vinho novo, cirandas de figos, lã, fatura [...]; ela, [...] recendia a perfume, açafraão, beijos de língua [...] e outras luxúrias de Afrodite” (v. 41-51).

Cada um dos ambientes, campo versus cidade, sugere um *modus vivendi* diverso; a diferença entre os cônjuges sugere o confronto de duas filosofias de

vida. É evidente que Aristófanes quer chamar a atenção do espectador para isto, e seu personagem continua monologando, agora se referindo ao filho:

“ Ela (a mãe) o acalentava: Ah! Quando você for grande e conduzir um carro até a cidade ... com a túnica vencedora ... e eu dizia: ... Ah! Quando você conduzir as cabras, ... com seu pai, coberto com uma pele! (v. 68-70)”.

Vê-se transparecendo, na diferença do sonho dos pais, o ideal de educação que, confrontantemente, cada um valorizava. Isto se materializa, na seqüência, na discussão que pai e filho começam a travar; até que Fidípides, atendendo aos protestos do pai, invoca o deus Dioniso, muito estimado pelo povo. Ora, sabe-se que a estima do povo por Dioniso era a continuidade de uma tradição, representava a valorização dos elementos vivenciais que o seu culto evoca: a vida agrícola e todo o elenco de valores que a ela se ligam. E o confronto continua, Estrepsíades ironizando o “pensatório” e os sofistas. Este homens, entretanto, podem ensiná-lo como sair de algumas dificuldades com credores. Fica claro que, em princípio, não aceitava os princípios de vida dos sofistas, mas a eles recorreria por interesses menos éticos. Por isso os apresenta ao filho como “pensadores meditabundos, gente de bem” (v. 101). Mas Fidípides, representando a juventude da época, sem a menor consideração pelos sofistas, reage: “Você está falando desses charlatães, pálidos e descalços”. Na verdade, o comportamento dos sofistas, vistos como tapeadores da opinião pública, não provocava a emulação da juventude em geral, a qual, ao que se depreende, via as idéias e atitudes do homens do pensatório como coisas do passado, retrógradas. Aliás, Fidípides deixa isso claro: “Não suportaria olhar para os Cavaleiros com as minhas cores raspadas” (v. 120). Os cavaleiros, sim, eram a “moda”, aqueles a quem a então juventude dourada queria imitar.

Mas Estrepsíades, talvez, confundisse a rusticidade e os hábitos dos sofistas com a sobriedade dos costumes dos antepassados. Ou, quem sabe, relacionasse os hábitos de uns e de outros por mera conveniência pessoal. E isto parece mais do espírito da comédia aristofânica. Em qualquer caso, é claro que Estrepsíades não está em busca do aperfeiçoamento próprio. O manhoso velho não busca no pensatório a revivescência da nobreza da vida de seus avós. Aliás, nem mesmo escamoteia a mesquinhez dos seus propósitos: deixa patente que procura algo que – ouvira dizer – resolveria seus problemas de mau pagador.

Destarte, Aristófanes empresta à expressão da mensagem uma força maior: o espectador bem vê que, insinuando a adoção do comportamento dos sofistas, o autor o está é condenando.

Aristófanes delineia bem o contraste entre os propósitos terra-a-terra de Estrepsíades e as especulações do filósofo, que

“nunca teria encontrado . . . as coisas celestes se não tivesse suspendido a inteligência” (v. 130).

E, sugerindo um contraste entre divindades, já no pensatório, o matreiro Estrepsíades é convidado a não jurar pelos deuses, mas a travar relações com as Nuvens, que Sócrates invoca numa prece solene:

“Veneráveis deusas, Nuvens, portadoras do trovão e do raio! Levantai-vos, Senhoras, mostrai-vos ao pensador, suspensas no ar!” (v. 263-265).

Duas considerações ocorrem. A primeira, as divindades novas invocadas, correspondem,

“poeticamente, às novas teorias da explicação física dos fenômenos naturais, antes atribuídos aos poderes de Zeus” (Ztarzinski, 1967, p. 181).

A palavra “nova”, nas duas inserções acima, está acintosamente grifada. É que no texto da peça funcionam para formalizar o confronto entre as velhas e as novas divindades. O que explica Sócrates deixar embasbacado o velho Estrepsíades ao perguntar, ao mesmo tempo enfatizando o poder das nuvens:

“Alguma vez você já viu Zeus chover sem as Nuvens?” (v. 370).

Vê-se, então, que Aristófanes põe na boca de Sócrates a negação do poder de Zeus. Por que o faz? Na verdade, duas questões se nos apresentam: Por que a negação de Zeus? Por que a afirmação da divindade das Nuvens?

Tentando penetrar-lhe as intenções, consideremos, inicialmente, que as Nuvens são invocadas como divindades juntamente com o Ar e o Éter. Consideremos também, como explica Gilda Starzinski, que “da deificação das Nuvens resulta a necessidade de dar-lhes uma ascendência divina e, por isso, são invocadas como filhas de Oceano” (Ztarzinski, 1967, p. 181). Ora, se falamos de Oceano, falamos de um dos deuses primordiais, como ensina Hesíodo.

Na peça, o coro invoca as Nuvens associando sua manifestação a trovões, e a de Éter a raios, o que nos faz lembrar a *Teogonia*:

“Pariu . . . os Ciclopes de soberbo coração: Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo que a Zeus deram o Trovão e forjaram o Raio” (v. 125-35).

Estas referências ensejam concluirmos que a afirmação da divindade das Nuvens não é, em Aristófanes, a criação de um fato novo. As Nuvens não são novos deuses. Pelo contrário, juntamente com o Éter e o Ar, são deuses da

primeira geração, invocados na peça como índices dos ideais mais autênticos, das manifestações mais primitivas e espontâneas da alma popular. E as Nuvens, invocadas juntamente com o Ar e o Éter, significam, poeticamente, os ideais antepassados que Aristófanes quer contrapor aos pressupostos ideológicos por ele vistos em Zeus, relacionado a uma "modernidade" que ele, Aristófanes, associa a Sócrates e ao pensatório. Vista assim a oposição Nuvens X Zeus, simbolizando o confronto dos antigos ideais com os postulados da então atualidade grega, partimos para outro raciocínio: as Nuvens configuram o "dionisismo", na peça.

Nietzsche nos ensina que:

"l'évolution de l'art est liée au dualisme de l'apollinisme et du dionysisme";

que com estes dois termos os gregos exprimem

"les vérités secrètes et profondes de leur croyance esthetique" (Nietzsche, 1871, p. 10).

E, o que é muito significativo para os nossos propósitos,

"ces deux instincts si différents marchent côte a côte, les plus souvent en état de conflit ouvert, s'excitant mutuellement des créations nouvelles et plus vigoreuses" (Nietzsche, 1871, p. 21).

Com a perspicácia do gênio, Nietzsche tinha compreendido que

"le satyre [...] est né de la nostalgie de la vie primitive et naturelle" (Nietzsche, 1871, p. 57).

Está aí o que entendemos tenha ocorrido com Aristófanes. Saudoso dos valores dos seus antepassados e da espontaneidade sincera dos "komoi", foi ele buscar nas origens a simbologia mais autêntica. Mais autêntica porque mais telúrica, empenhada nos fenômenos primitivos, mas sempre atuais, do Oceano, personificação das águas que envolvem a Terra, e, na peça, invocado nas filhas que lhe são atribuídas, as Nuvens, "virgens portadoras da chuva". Aliás, as manifestações das Nuvens, pelas vozes do coro, na estrofe e na antístrofe do párodo, são passagens reveladoras, ricas das marcas das divindades primitivas envolvidas no dionisismo, em razão dos seus atributos e das suas manifestações. As referências ao Oceano, à Terra, ao Éter evoluem para a brilhante Palas, que lembra Deméter de inefáveis mistérios e Dioniso das festas de Bromo: são referências que indicam, plurivocamente, a diacosmese fantástica sugerida artisticamente por Aristófanes. Este faria eco, nas suas comédias, às crenças órficas, nos quais as nuvens estão ligadas ao símbolo da

água, e, por conseguinte, da fecundidade: filha do Oceano, a nuvem é o símbolo da metamorfose viva, em virtude da sua constante transformação.

Para fechar o nosso entendimento, atente-se à frase precisa e definitiva de Nietzsche:

“La métamorphose magique est la condition préalable de tout art dramatique”
(Nietzsche, 1871, p. 62).

Estabelecemos, portanto, uma relação inegável ente as Nuvens e Dionísio. Bacantes do céu, numa coreografia fantástica, esvoaçantes nos braços do Ar ou do Éter, evoluem sempre em movimentos e formas, até exaurirem-se em chuva fecundante.

Com o atributo “fecundante” assinalamos mais um ponto de contato indiscutível entre as Nuvens e Dioniso. Fecundantes, causas da geração, as nuvens são, na verdade, epifania dionísíaca.

Mas não se deve pretender linearidade ou lógica na evolução do enredo. Sabe-se que é próprio da comédia, a insinuação, as meias-tintas ao lado da aberração, a evidência a par da contraditoriedade e, sobretudo, o sacrifício do lógico ao cômico: tudo se ordena e se desordena segundo a suprema e lei do riso. Não esqueçamos que Dioniso tem, entre outras performances, a da metamorfose. Suas virtualidades cambiantes no espaço e no tempo bem podem ser simbolizadas pelo caráter evanescente e fugaz das nuvens. Aliás, Aristófanes sugere a idéia pelas palavras de Sócrates:

“Elas se transformam em tudo o que desejam” (v. 148).

Assim se explica que, assimilando o dionisismo inspirador, texto e enredo da peça tecendo um vai-e-vem de ambigüidades e aparentes contradições, num momento, o poeta ridicularize o Zeus que traduz a atualidade; e, no momento seguinte, ridicularize os hábitos que se associariam às práticas do passado.

Este movimento de duplo sentido, difuso, perpassa a obra toda.

Na parábase – onde os críticos pretendem que o autor se revele – Aristófanes promete:

“vou dizer-vos a verdade sem rebusos” (v. 519).

Entretanto, não esclarece a razão de vir novamente a público com a peça *As Nuvens*. Parece que Aristófanes ressentido ainda o dissabor do insucesso: faz alusão a isso (v. 530-535), espicaça a vaidade dos espectadores – *“vós que sois inteligentes, em cuja homenagem tanto me esforcei”* – (v. 525), espera que percebam as afinidades temáticas de *As Nuvens* com *Os convivas*, e diz esperar dos espectadores que, com inteligência, agora compreendam seu propósito.

Aqui está, pois, a verdadeira razão e o verdadeiro mérito da, digamos, segunda edição de *As Nuvens*. Conquanto ressentido do insucesso anterior, o autor não abandona seus propósitos mais legítimos. Confia na validade dos seus objetivos:

“Esta comédia é naturalmente sensata [...]; veio confiada em si mesma e nos seus versos” (v. 536 e 547).

Insinua que não vai aliciar a plebe vulgar, como algum concorrente, porque seu objetivo não é apenas o cômico pelo cômico. E nem é, apenas, o prêmio. Fossem essas as suas motivações ele, em quem os contemporâneos reconhecem inteligência e ao qual a posteridade atribui genialidade, não insistiria na reapresentação de um espetáculo já marcado pelo desfavor do público e dos juízes. É que as razões que o tinham levado a escrever *Os convivas* ainda valem. E o idealismo do moço que, então, nem tinha idade para se apresentar com o próprio nome, persistia forte e inspirador.

Para descobrir isso precisamos voltar à peça.

Ainda no final do prólogo *Estrepsíades* faz contato com Sócrates. E daí em diante, por todo o párodo e, depois da parábase, no pensatório, o mestre tenta a penosa tarefa de instruir o bronco *Estrepsíades*. Na verdade, o que Sócrates quer ensinar não é o que *Estrepsíades* quer aprender. Mestre e discípulo usam, formalmente, as mesmas palavras; mas não o mesmo código. Resulta disso uma série de confusões e situações cômicas e/ou ridículas, resultantes dos jogos de palavras e das conclusões equivocadas ou maliciosas.

A impaciência e a imbecilidade de *Estrepsíades*, preocupado apenas em conhecer a fórmula mágica de escapar das suas obrigações financeiras, esgota a boa vontade do mestre. Na iminência de perder a chance de aprender como livrar-se dos credores, o velho sovina, aconselhado pelo Corifeu, vai de novo em busca do filho. E na cena que vivem pai e filho, o confronto entre o “velho e o “novo” assume uma feição singular. No trato sinuoso do tema, Aristófanes faz do jovem *Fidípides*, nesta passagem, o representante do passado, ante *Estrepsíades* que, manhosamente, assume a postura do adulto de mente avançada.

A pose que assume *Estrepsíades*, a colocação falaciosa dos seus argumentos, a ambigüidade das alusões – tudo concorre para criar o clima do ridículo em que as idéias supostamente defendidas são, na verdade, antagonizadas. Quando, em seguida, se travar o formidável “agon” entre o raciocínio Justo e o Injusto, os espectadores já estarão de ânimo prevenido. Daqui, do “agon”, é que a crítica tem retirado as conclusões sobre o papel educativo de Aristófanes em *As Nuvens*, sobre as marcas ideológicas a respeito do que ele adotaria como válido para a sociedade. É que, provocados pelo Corifeu, primeiro o raciocínio Justo e depois

o Injusto enumeram objetivamente as vantagens dos valores que invocam. O Raciocínio Justo vê como vantagens da educação antiga a formação disciplinar, rígida desde a infância, a preparação para a resistência física e para a sobriedade, o respeito aos pais e aos mais velhos, a formação do senso do próprio valor e da própria honra, a fuga aos vícios e aos negócios escusos. E lembra os bons resultados dessa educação antiga, que criou os homens guerreiros de Maratona, ao contrário da prática dos costumes novos em voga, que além de enfraquecer o físico deturpam o senso moral, levam à inversão de valores. Por sua vez, o raciocínio Injusto vai fazer uso de todos os recursos da sofística para – como diria Junito Brandão – com a corrupção do *logos*

“opondo a razão à própria razão” (Brandão, 1984, p. 17),

fazer valer seus argumentos. Parte da citação dos grandes nomes do passado, Homero, Hércules, Nestor, Peleu, e “prova” sofisticadamente que nenhum deles se enquadra nos modelos do figurino desenhado pelo raciocínio Justo. Ninguém ganha nada com modéstia, Peleu foi um marido enganado e o adultério até Zeus praticou em larga escala. O jovem não deve privar-se dos prazeres, e nada é vergonhoso. Na verdade, não são a maioria os perversos, os esculhambados? A conclusão da lógica sofista fica implícita: se a maioria é corrupta, a corrupção é o normal, a perversão é a regra.

A mordacidade da crítica, apresentada aqui pelo seu avesso, é maior: a inversão dos valores prevista pelo próprio Justo, nele mesmo se opera; a força do sofisma é tal que ele mesmo, o Justo, se sente errado. Capciosamente enredado, o Raciocínio Justo, que era “forte” se faz “fraco” ante a retórica falaciosa do Injusto.

É com ele, com o Raciocínio Injusto, que Fidípides vai ser instruído. Observe-se: Aristófanes mostra Estrepsíades, fazendo uma opção pelo injusto, porque lhe importa é o proveito pessoal, não a verdade moral ou científica. Aliás, o velho se acha sábio, na escolha que faz. Hoje haveria quem o definisse “esperto, vivo”. “O mundo é dos espertos”, acrescentariam. . .

O coro, em nova manifestação, indicia agora um discurso diferente, insinua resultados e juízos de valor. E na seqüência, a partir do verso 1321 instaura-se o segundo “agon”, no qual os Raciocínios Justo e Injusto novamente se defrontam, agora surpreendentemente travestidos, respectivamente, de Estrepsíades e Fidípides. O que resultará, ao final, é que o pai será humilhado e espancado pelo filho, que exhibe com exuberância verbal a técnica sofística aprendida, vangloriando-se de

“como é doce conviver com idéias novas e engenhosas, e poder desprezar as leis estabelecidas” (v. 1400).

O pai lhe batia, quando criança, com as melhores intenções? Pois, então, é justo que, com boas intenções, o filho possa lhe bater agora. E não se diz que os velhos são duas vezes crianças? Então, mais devem apanhar. E Fidípides, com tirocínio verbal desconcertante, leva o infeliz pai a admitir que o comportamento do filho é justo, apenas se queixando:

“Nuvens, eis o que estou sofrendo por vossa causa” (v. 1453).

E estas, em resposta, pela voz do Coro, esclarecem de forma solene e clara a lição verdadeira e o fundamento real do discurso didático de Aristófanes:

“Você mesmo foi o causador desses males, quando virou para a perversidade. [...] É assim que sempre fazemos quando reconhecemos que alguém é amante das más ações, até que o atiramos na desgraça para que aprenda a temer os deuses” (v. 1454-60).

Aí está. Assim como não eram novas as divindades invocadas – as Nuvens são a representação oportuna das divindades primordiais – assim, não é nova a linha ideológica, a filosofia de vida apregoada por Aristófanes para os gregos da sua contemporaneidade. Entendemos que lhe animou a atividade criadora o sentido dos princípios fundamentais, que foram as lições dos grandes mestres formadores da mentalidade grega. Desta forma, a lição das Nuvens apenas atualiza os ensinamento de Hesíodo e de Sólon, que cunharão um caráter nas peças Ésquilo. Damo-nos conta, então, que a comédia assume – em seu êxodo – uma feição de tragédia. Que Aristófanes faz seu personagem – através do que poderíamos chamar de passos da ironia cômica – desabar na *anagnorisis* preconizada por Aristóteles; a personagem cai em si:

“como estava louco quando quis jogar fora os deuses” (v. 1477).

Nietzsche bem soube enxergar que, na obra de arte, apolinismo e dionisismo confluem, unidos sob a ação de um sortilégio que é a condição básica de toda a arte dramática. Como ilação do seu pensamento podemos discernir, então, que o Coro dionisíaco, que na peça fala pela voz das Nuvens, projeta fora de si um mundo de imagens apolíneas. Destarte, provocando a emoção do riso nos espectadores, Aristófanes os leva ao ponto de se reconhecerem no herói, expurgando de si as paixões que os levam à *hybris*.

É, portanto, como retomada de valores culturais que se explicam as Nuvens, como vimos, divindades prenhes das marcas do dionisismo. E que tais valores, no êxodo da peça, realizam-se apolineamente na atitude prática do protagonista. É como cumprimento de uma missão imbuída de ideais mais nobres que se deve entender a reiteração do tema da educação em várias peças seqüentes

e, muito especialmente, a segunda versão de *As Nuvens*. Devemos, enfim, convir com Victor-Henry Debidour que Aristófanes, como todos os grandes cômicos é, no fundo, um sábio. Um sábio que soube dar a sua arte uma nobreza especial, revestindo-a de uma tonificadora ação pedagógica. E isto fez com que ultrapassasse em muito as exigências intrínsecas da sua própria inspiração, por um lado; e, por outro, que a sua obra ganhe a perenidade dos valores eternos.

NOTA

* Doutorando em Letras, aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓFANES. *Os acarnenses*. Trad. de Maria de Fátima Souza e Silva. Coimbra: I.N.I.C., 1988.
- . *As nuvens*. Trad. de Gilda Maria Reale Ztarzinski. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BRANDÃO, J. S. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1984.
- DEBIDOUR, V.-H. *Aristophane par lui-même*. Paris: Éditions du Seuil, 1962.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. de A. M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1986.
- MILLEPIERRES, F. *Aristophane et les autres*. Paris: Éditions Marcel Rivière et Cie., 1978.
- NIETZSCHE, F. *La naissance de la tragédie*. Trad. de G. Bianquis. Paris: Gallimard, 1871.
- SOLOMOS, A. *Aristophane vivant*. Texte français de J. Dalègre. Paris: Librairie Hachette, 1972.
- SOUZA E SILVA, M. F. *Crítica do teatro na comédia antiga*. Coimbra: I.N.I.C., 1987.
- STARZINSKI, G. M. R. In: ARISTÓFANES. *As nuvens*. Trad. de Gilda Maria Reale Ztarzinski. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CARVALHO, Aécio Flávio de. *The didactic discourse in Aristophanes' The clouds.*

ABSTRACT: *Aristophanes had an intelligently planed didactic motif when he worked on The clouds. This work is a proof of the mission he undertook upon himself as an aducator of the people. He perceived the hidden Dionysian themes underling The clouds as the primordial gods of Hesiod's theogony and incribed them as symbols of fundamental cultural values of Greek civilization.*

KEY WORDS: *Aristophanes; didactic motif; The clouds; educator; cultural values.*

